

O papel do orientador no contexto do isolamento social no ano de 2020 no IFMG
The role of the supervisor in the context of social isolation in 2020 in the IFMG
El papel del supervisor en el contexto del aislamiento social en 2020 en la IFMG

Recebido: 11/10/2020 | Revisado: 13/10/2020 | Aceito: 16/10/2020 | Publicado: 18/10/2020

Felipe Laffiti Assis Soares

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1564-5189>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais, Brasil

E-mail: felipe.soares@ifmg.edu.br

Tiago Simão Ferreira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1185-9825>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais, Brasil

E-mail: tiago.simao@ifmg.edu.br

Edio da Costa Junior

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2432-2691>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais, Brasil

E-mail: edio.junior@ifmg.edu.br

Resumo

O isolamento social impôs à educação a necessidade de passar por uma profunda reflexão. Demandando uma emergencial adaptação a conexões remotas e metodologias inovadoras de ensino e aprendizagem. Escolas, universidades e institutos buscaram reinventar possibilidades e utilizar a tecnologia, aliada à criatividade, a fim de que não sofresse risco de descontinuidade ao longo de 2020. Tem sido exigido tanto dos docentes quanto dos discentes muito esforço intelectual e operacional. Neste artigo, são apresentados os resultados de uma investigação coletiva sobre os aspectos da atribuição de orientação por parte de docentes que atuam em diferentes cursos e níveis de ensino. Contextualizado do desenvolvimento profissional de professores e alunos, apontando para as oportunidades e desafios inerentes ao isolamento social imposto. Assim, por meio dessa pesquisa, foi verificado que é possível considerar como viável a atividade de orientação, porém num cenário mais desafiador, tanto

para manutenção dos orientandos, evitando sua exclusão desse processo, quanto para a automotivação de seus docentes.

Palavras-chave: Isolamento social; Orientador; Coronavírus.

Abstract

Social isolation imposed on education the need for deep reflection. Demanding an emergency adaptation to remote connections and innovative teaching and learning methodologies. Schools, universities and institutes sought to reinvent possibilities and use technology, combined with creativity, so as not to run the risk of discontinuity throughout 2020. Both intellectual and operational efforts have been required from teachers and students. In this article, the results of a collective investigation on the aspects of the assignment of guidance by teachers who work in different courses and levels of education are presented. Contextualized the professional development of teachers and students, pointing to the opportunities and challenges inherent to the imposed social isolation. Thus, through this research, it was found that it is possible to consider the orientation activity as viable, but in a more challenging scenario, both for the maintenance of the students, avoiding their exclusion from this process, and for the self-motivation of their teachers.

Keywords: Social isolation; Teacher advisor; Coronavírus.

Resumen

El aislamiento social impone a la educación la necesidad de una profunda reflexión. Exigir una adaptación de emergencia a conexiones remotas y metodologías innovadoras de enseñanza y aprendizaje. Escuelas, universidades e institutos buscaron reinventar posibilidades y utilizar la tecnología, combinada con la creatividad, para no correr el riesgo de discontinuidad a lo largo de 2020. Se han requerido esfuerzos tanto intelectuales como operativos de profesores y estudiantes. En este artículo se presentan los resultados de una investigación colectiva sobre los aspectos de la asignación de orientación por parte de los docentes que laboran en diferentes cursos y niveles educativos. Contextualizó el desarrollo profesional de docentes y alumnos, señalando las oportunidades y desafíos inherentes al aislamiento social impuesto. Así, a través de esta investigación se encontró que es posible considerar la actividad de orientación como viable, pero en un escenario más desafiante, tanto para el mantenimiento de los estudiantes, evitando su exclusión de este proceso, como para la automotivación de los estudiantes. sus docentes.

Palabras clave: Aislamiento social; Orientador; Coronavírus.

1. Introdução

A relação entre orientador e orientando é um processo complexo e multidimensional que contempla desafios didáticos, pedagógicos, afetivos e de comunicação (Sá, 2015).

O bom desenvolvimento dessas relações se torna ainda mais complexo e desafiador no ano de 2020, marcado por diversas adversidades devido à pandemia causada pelo coronavírus. Não é necessário ser especialista em educação para identificar todas as dificuldades impostas pelo isolamento social no dia a dia das escolas, institutos e universidades, bem como no convívio familiar de professores e alunos.

Milhões de docentes e discentes buscam se adaptar a essa nova realidade, se adequando a novas metodologias de ensino remoto e/ou híbrido e buscando compreender e utilizar novas ferramentas para lidar com as recentes rotinas e estruturas de trabalho. Essa adaptação forçada tem causado diversos tipos de problemas, ou conflitos, para docentes e discentes de todos os níveis de ensino (Bacich, 2020).

Nesse contexto, a figura do orientador toma um papel ainda mais importante, reforçando a atribuição de acolhimento ao aluno e fornecendo suporte que vai bem além do didático/pedagógico. Essa função tem um papel ainda mais especial com alunos em formação no Ensino Médio Tecnológico, privados das relações sociais de forma pessoal no ano de 2020.

Este trabalho procura comparar o papel do docente orientador de alunos do Ensino Técnico do Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG) no contexto do isolamento social imposto no ano de 2020, em relação à sua atuação nos anos anteriores. Busca avaliar as percepções dos orientadores sobre seus orientandos, o acesso às ferramentas de comunicação remota, além da estrutura disponível aos orientandos como canais de comunicação e orientação à distância. O IFMG possui 19 campi espalhados pelas regiões centro e centro-oeste do estado, com ampla diversidade de discentes, docentes, cursos, modalidades e níveis de ensino.

2. Referencial Teórico

Como papel do orientador, Carvalho & Gil-Pérez (2011) afirmam: “trata-se de que o professor saiba agir como orientador de equipes de ‘pesquisadores iniciantes’, criando um ambiente de trabalho adequado e transmitindo-lhes seu próprio interesse pela tarefa e pelo progresso de cada aluno”. Ninguém se forma orientador, pois não há formação específica para

isso. Trata-se de uma construção conjunta, pois para a tarefa de orientar, necessitam-se orientandos. A construção nesse caso é de todos os sujeitos envolvidos nesse processo. Para isso, é necessário aceitar o desafio do querer constituir-se como orientador, aprimorando sua prática de forma reflexiva e constante, buscando elementos que possam constantemente contribuir com a sua formação, assim como com a de todos os envolvidos no processo (Gallon *et al.*, 2018).

O ensino, a pesquisa e a extensão na atividade docente é um tema complexo de ser trabalhado porque envolve não somente aspectos técnicos e metodológicos, mas também humanos, haja vista que o seu centro é a relação existente entre orientando e orientador (Freire, 2003; Gifted, 2016).

Tal relação não é pautada apenas por atividades relativas à produção de um trabalho acadêmico. De forma complementar, o processo de orientação visa, também, a transformação do então estudante em, entre outras coisas, um pesquisador independente e um profissional qualificado, ou ainda um docente e futuro orientador. Assim, ainda que entendida como uma “intervenção formal” oferecida aos discentes, a orientação, naturalmente, extrapola esse formalismo intelectual. Exceções à parte, nesse percurso os orientadores podem se tornar mentores de seus orientandos, figuras de referência com as quais vínculos sociais e afetivos duradouros são estabelecidos e perduram para além da integração intelectual (Lidém *et al.*, 2013; Granda & Rocha, 2019).

Granda & Rocha (2019) enfatizam a importância das esferas social e afetiva da relação entre orientador e orientando. Afirmam que imbricadas, as dimensões contextual e social vinculam-se ao ambiente de aprendizagem dos discentes, o que perpassa pela estrutura física e pelo ambiente institucional, que podem favorecer ou prejudicar o processo de formação dos orientandos. Relacionada à esfera social, a dimensão afetiva manifesta-se em qualquer relacionamento interpessoal, o que não é diferente da relação entre orientadores e orientandos. Trabalhos como os de Costa, Sousa & Silva (2015) e Johansson *et al.* (2014) abordam o estudante passa por um momento de transformação em sua vida acadêmica, quando este inicia um trabalho de pesquisa, extensão ou monitoria, que demanda a figura de um orientador tutor gera, naturalmente, grande expectativa. Para estes autores, são vários os fatores que afetam emocionalmente os discentes em formação, desde a própria adaptação ao contexto da pesquisa, passando pelas dificuldades próprias dos processos de aprendizagem, até os problemas e conflitos pessoais que interferem na vida acadêmica do orientando.

Segundo Viana & Veiga (2010), muitos orientadores destacam a necessidade de conhecer a história de vida do orientando, suas expectativas em relação ao curso, como

também, proporcionar ao aluno a oportunidade de se deixar conhecer por ele, procurando estabelecer entre ambos uma relação dialógica e um clima de confiança. Nesse sentido, alguns orientadores consideram que o acolhimento dispensado ao aluno é a base de uma “relação de construção e parceria”. Leite Filho & Martins (2006) afirmam que os orientadores são personagens que mantêm relações singulares, intersubjetivas, complexas e ricas em detalhes com os orientandos e, desta convivência, resultam dissertações e teses que contribuem para a sistematização e consolidação do conhecimento científico em determinada área. Para Bianchetti & Machado (2002), a exigência de um trabalho final escrito, redigido pelo aluno, sob tutela e responsabilidade de um professor credenciado, determina o aparecimento de uma ligação mais pessoal, horizontal e profissional entre o professor orientador e o aluno orientando.

De acordo com Carvalho & Gil-Pérez (2011), pensando na escola como um ambiente profícuo à pesquisa, torna-se impropriedade perceber o professor como um capataz exigente, o qual supervisiona o trabalho forçado executado pelos estudantes. Esses papéis marcados muitas vezes numa educação baseada na transmissividade, em que o professor ocupa um papel de verificador do cumprimento de tarefas e aplicador de avaliações, quando não de disciplinador ferrenho, não combinam com um ambiente ocupado pela pesquisa e pelo trabalho colaborativo. Para Demo (2003) a escola precisa disponibilizar um ambiente de trabalho coletivo e não apenas disciplinador, privilegiando atitudes e questionamentos críticos e criativos, no qual professor e estudante caminham juntos, sendo parceiros do processo de ensino e aprendizagem. O professor precisa oportunizar ao estudante o entendimento intuitivo e formal das ideias implícitas, orientando e auxiliando no exercício da crítica durante a discussão de resultados de uma investigação (Moraes, Galiuzzi & Ramos, 2012).

Os desafios enfrentados por orientandos e orientadores durante sua convivência são distintos e possuem motivações diversas. Todavia, superá-los demanda compromisso substancial de ambos. Articular expectativas diversas, cumprir prazos e definir limites e atribuições na relação são algumas situações que podem resultar em conflitos ou, se bem administradas, em crescimento profissional e pessoal para os dois atores envolvidos (Granda & Rocha, 2019).

Oliveira (2020) demonstra que o bem-estar dos professores foi significativamente afetado em função da pandemia do coronavírus. Segundo o autor “se o professor estiver desestabilizado, ele vai dar uma aula pior do que se estivesse equilibrado. Apesar de ser uma de nossas hipóteses, ficamos surpresos ao ver que, logo nessa primeira fase da pesquisa, os professores falaram que estão buscando apoio informacional, mas também emocional e

psicológico. Na China, há indícios de que aumentou o índice de "burnout" (esgotamento físico e mental intenso) entre professores. Em São Paulo, professores estão com altíssimo nível de estresse, pois sabem que precisarão começar a oferecer o ensino remoto".

Percebe-se que o papel do orientador é complexo e amplo. Entender o seu momento devido ao contexto imposto no ano de 2020 é importante para compreender as demandas causadas na relação entre orientador e orientando.

3. Metodologia

Para alcançar os objetivos propostos, foi desenvolvido e aplicado um questionário on-line para os docentes (como orientadores) que têm ou já tiveram orientandos sob sua tutela e discentes (como orientandos) do IFMG.

As perguntas foram elaboradas com o objetivo de avaliar quantitativamente e qualitativamente a relação entre orientador e orientandos, sob a ótica dos docentes. Buscou-se identificar suas visões sobre a aprendizagem fundamentada na orientação e seus impactos quando sujeitos ao distanciamento social.

Procurou-se também verificar a percepção docente com relação à efetividade das ferramentas disponíveis para o exercício da função de orientador no contexto de isolamento. O levantamento dos dados ocorreu cerca de seis meses após a paralisação das aulas presenciais, sendo este o período considerado na avaliação do isolamento social para este estudo. Abaixo o questionário submetido aos orientadores:

Formulário submetido aos orientadores:

- Qual a média anual de alunos que você orientou em projetos de pesquisa, extensão e/ou ensino desde sua entrada no IFMG até 2019?
- Na sua visão sobre aprendizagem, e em sua experiência como orientador, como você avalia o ganho de conhecimento de seus orientandos ao final de um projeto?
- De uma forma geral, como você avalia o grau de independência de seus orientandos?
- Em tempos de isolamento social, como você avalia a função de orientador?
- Em tempos de isolamento social, como você avalia que a função do orientador se apresenta, em relação aos anos anteriores?
- Como você se sente com a função de orientar em tempos de isolamento social?

- Você faz uso de ferramentas tecnológicas GRATUITAS no auxílio do processo de orientação de alunos?
- Você faz uso de ferramentas tecnológicas PAGAS no auxílio do processo de orientação de alunos?
- Em tempos de isolamento, seus orientandos têm se mostrado acessíveis?
- Em tempos de isolamento, seus orientandos têm se mostrado motivados?

Em paralelo ao questionário das percepções dos docentes, foram analisados os dados levantados por três *campi* do IFMG, que dizem respeito às condições técnicas, financeiras, sociais e psicológicas dos discentes. Esses dados foram coletados pelas diretorias de ensino e disponibilizados para esse estudo. Buscou-se entender alguns dos resultados em função da qualidade do acesso à internet e das condições socioeconômicas dos municípios dos diferentes *campi* do IFMG.

Os dados disponibilizados pelos *campi* foram obtidos com seus discentes via questionário on-line, telefone, carta ou até mesmo visita presencial, respeitando protocolos de segurança sanitária municipais. Entre demais questões, os discentes foram questionados sobre:

Resumo do formulário submetido aos discentes:

- Atualmente, como se dá o seu acesso à Internet?
- Qual é o tipo de conexão com a Internet que você utiliza na sua casa?
- Qual recurso você utiliza para acessar a Internet?

Como apresentado no referencial teórico, para uma efetiva orientação, tanto o orientando como o orientador devem possuir estrutura adequada e de qualidade de acesso à internet que viabilize boa comunicação. Assim, buscou-se identificar quais seriam, por parte dos estudantes, a qualidade de estrutura que possuem de forma a viabilizar o canal de orientação.

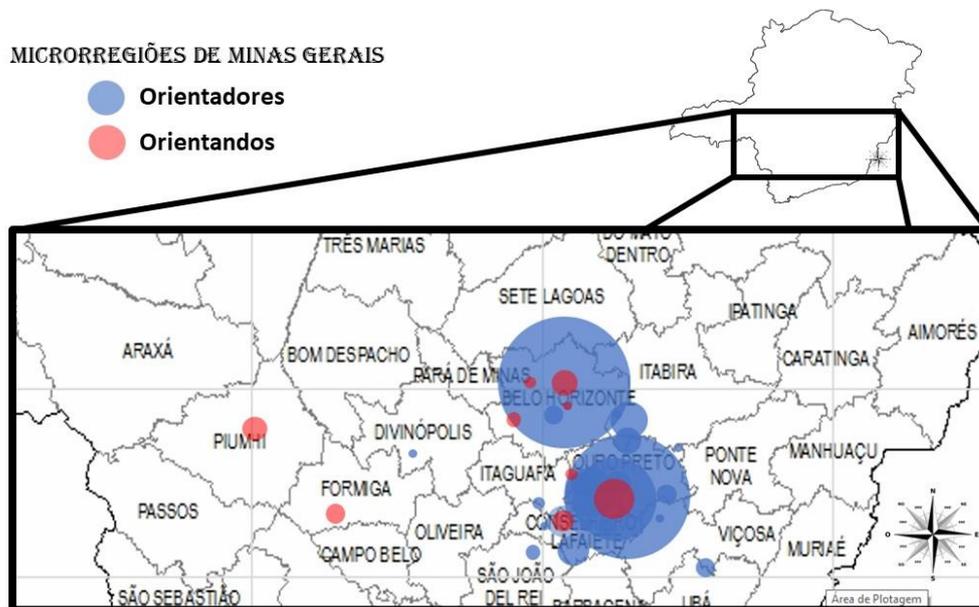
O tratamento dos dados se deu por análise quantitativa (Pereira *et al.*, 2018), buscando por comparação direta relacionar o perfil dos orientandos com base em sua estrutura de acesso ao canal de comunicação durante o período de isolamento social. Além disso, por análise qualitativa buscou-se explorar características subjetivas entre a percepção dos orientadores por questões territoriais, buscando identificar possíveis divergências entre regiões

metropolitanas e interioranas, bem como correlacionar com as percepções sobre seus orientandos.

4. Resultados e Discussão

Inicialmente são apresentados os dados quantitativos obtidos nas entrevistas e nos levantamentos realizado pelos *campi*. Na Figura 1 é apresentada a distribuição territorial dos entrevistados. O tamanho dos círculos representa a perspectiva do quantitativo entrevistado.

Figura 1. Distribuição territorial dos entrevistados.



Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

Na Figura 1 fica claro que há uma ampla abrangência territorial do Instituto, o que sugere também uma ampla diversidade de professores e alunos.

O quantitativo total de discentes e docentes estão apresentados nas Tabelas 1 e 2 respectivamente. Nas tabelas são também apresentadas a distribuição do público pesquisado por unidade.

Tabela 1. Público da pesquisa por mesorregiões.

Unidade referência	Quantidade de Discentes	Percentual
<i>Campus</i> Ouro Preto e região	894	76,74%
<i>Campus</i> Santa Luzia e região	233	20%
<i>Campus</i> Congonhas e região	38	3,26%
TOTAL	1165	100%

Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

Tabela 2. Público da pesquisa por mesorregiões.

Unidade referência	Quantidade de Orientadores	Percentual
<i>Campus</i> Ouro Preto	22	33,84%
<i>Campus</i> Santa Luzia	9	13,84%
<i>Campus</i> Formiga	6	9,23%
<i>Campus</i> Ribeirão das Neves	2	3,07%
<i>Campus</i> Bambuí	8	12,30%
<i>Campus</i> Betim	3	4,61%
<i>Campus</i> Congonhas	6	9,23%
<i>Campus</i> Itabirito	2	3,07%
<i>Campus</i> Sabará	1	1,53%
<i>Campus</i> São João Evangelista	6	9,23%
TOTAL	65	100%

Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

Como apresentado na Tabela 2, e ilustrado na Figura 1, há uma maior concentração de docentes orientadores no *campus* Ouro Preto, fato explicado pelo tamanho (em número de servidores e alunos) do *campus* relativamente aos demais *campi* do IFMG.

Na perspectiva dos orientadores, grupo com maior distribuição territorial conforme ilustrado na Figura 1, uma primeira análise foi realizada de forma a estabelecer e relacionar os dados obtidos subdividindo em dois grupos; Região metropolitana e interior em função da diferente qualidade de acesso à internet entre eles. A Tabela 3 apresenta a visão dos dois grupos subdivididos dos orientadores.

Tabela 3. Perspectiva dos orientadores por grupo, grande região metropolitana e cidades do interior.

Variáveis	Região Metropolitana e Grandes Centros Urbanos	Interior e pequenos centros urbanos
Identificam seus orientandos como independentes	21%	30%
Consideram Factível a função de orientação remota	24%	41%
Se sentem encorajados a orientar em tempos de isolamento social	29%	41%
Consideram seu orientandos acessíveis	18%	26%
Consideram que a importância do papel do orientador aumentou no contexto de isolamento social	61%	59%

Região Metropolitana e Grandes centros urbanos: Belo Horizonte, Sabará, Santa Luzia, Betim, Ribeirão das Neves e Ouro Preto.

Interior e Pequenos centros urbanos: Itabirito, Bambuí, Congonhas, Formiga, São João Evangelista.

Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

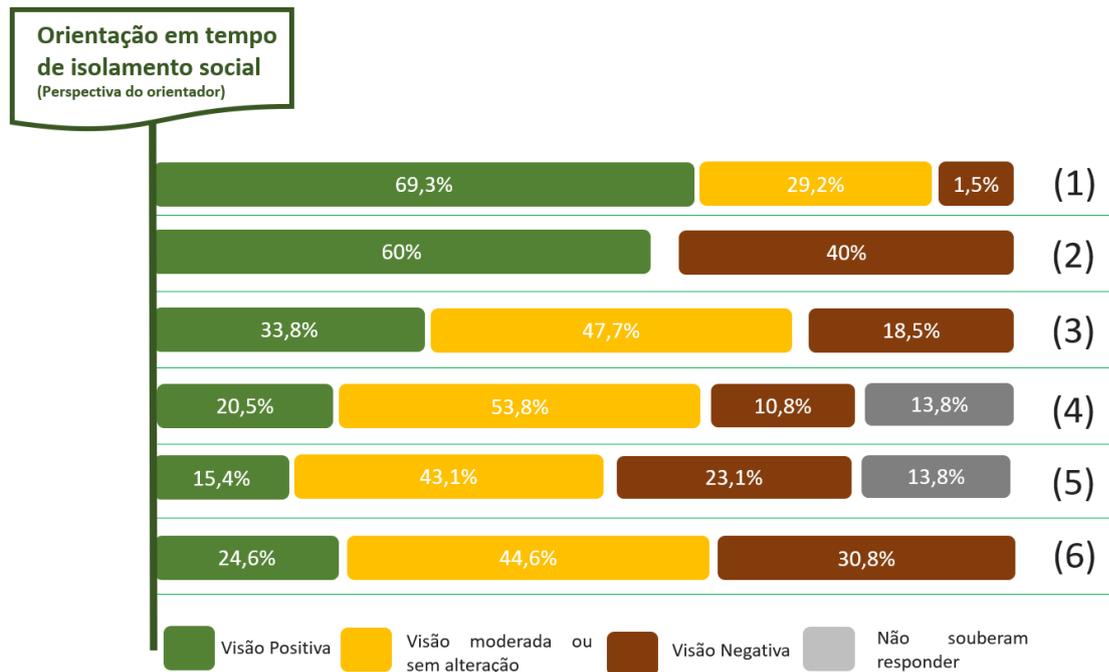
No geral, não existe muita diferença na visão de orientadores estabelecidos em grandes centros urbanos para orientadores de cidades menores. As maiores diferença percebidas por essas regiões foram:

-Viabilidade de orientação: Com 41% e uma diferença de 17% para mais, orientadores de cidades menores acreditam ser viável o papel de orientação no contexto de isolamento.

-Se sentem mais encorajados: Com 41% e uma diferença de 12% para mais, , embora o acesso à internet tenda a ser mais rápido e eficiente em regiões metropolitanas, orientadores de cidades menores demonstraram estar mais encorajados para realizarem o papel de orientação no contexto de isolamento e consideram a orientação remota mais viável que os orientadores da região metropolitana.

Na perspectiva unificada, entre os centros urbanos, dos orientadores sobre a função de orientação no contexto do isolamento social, a Figura 2 apresenta um panorama qualitativo entre visões positivas, moderadas e negativas.

Figura 2. Perspectiva dos orientadores.



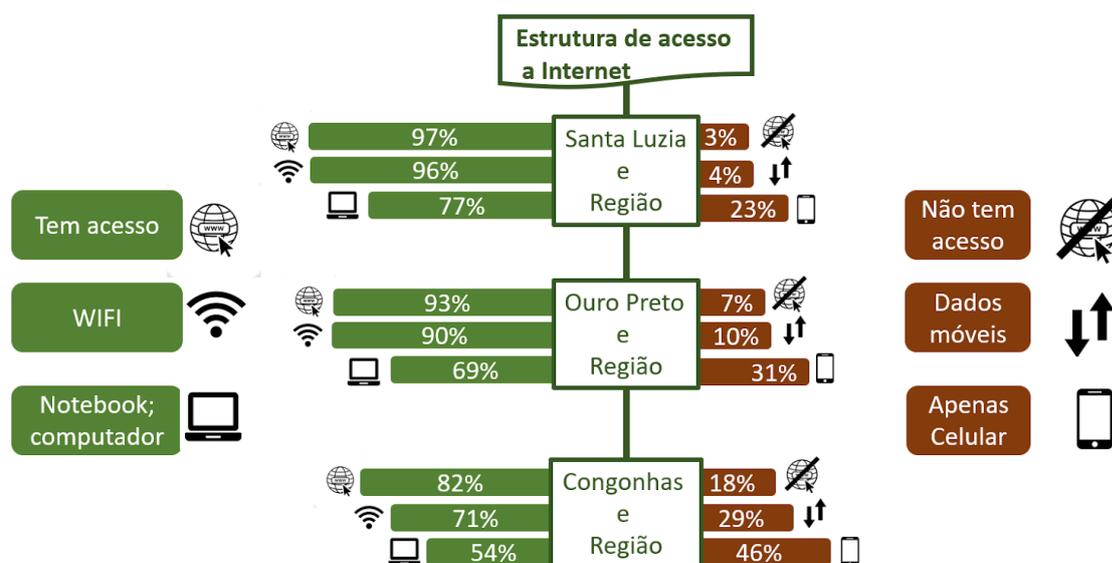
- (1) Em tempos de isolamento social, como você avalia a função de orientador?
(2) Em tempos de isolamento social, você avalia que a função do orientador se apresenta, em relação aos anos anteriores, como:
(3) Como você se sente com a função de orientar em tempos de isolamento social?
(4) Em tempos de isolamento, seus orientandos têm se mostrado acessíveis.
(5) Em tempos de isolamento, seus orientandos têm se mostrado motivados.
(6) De uma forma geral, como você avalia o grau de independência de seus orientandos?
Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

Pela análise dos dados obtidos e qualificados, apresentam-se:

- 1) de forma geral, os orientadores têm uma visão **positiva ou moderada** frente a uma auto análise no papel de orientar no contexto de isolamento e
- 2) de forma geral, os orientadores têm uma visão **negativa ou moderada** frente ao perfil dos orientandos no contexto de isolamento, analisando sua independência, condições de acesso, e motivação.

Nessa perspectiva dos orientandos, sobre a função de orientação no contexto de isolamento social, a pesquisa buscou quantificar suas principais potencialidade e fragilidades quanto ao aprendizado dos orientandos. A Figura 3 apresenta um panorama quantitativo das relações de acesso aos canais de orientação, como sua qualidade de internet e sua estrutura disponível.

Figura 3. Qualidade de acesso à internet pelos orientandos.



Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

Pela análise dos dados obtidos e quantificados, temos que:

1) existe uma crescente no número de orientandos que não têm acesso à internet quando saímos de região metropolitanas para o interior;

2) de forma geral, existe um número expressivo de alunos com acesso exclusivo à internet pelo celular e esse número aumenta em regiões interioranas e

3) existe um número considerável de alunos com acesso exclusivo à internet por dados móveis e esse número aumenta em regiões interioranas.

5. Conclusões

A pesquisa coletiva on-line de cursos técnicos integrados ao Ensino Médio nos leva a conclusões em três âmbitos: um relativo ao quanto é factível uma relação de orientação, outra seria o quanto pode-se abranger todos os alunos interessados em orientação e por último ao encorajamento tanto de orientadores quanto de orientandos no contexto de isolamento social.

Com relação ao primeiro, os resultados da pesquisa nos levam a considerar que:

1) A orientação é possível, porém o cenário é desafiador

Essa conclusão é perceptível pela correlação entre as percepções dos orientadores de regiões metropolitanas ou regiões interioranas bem como de alunos. Porém fica claro que para

ambos, para efetiva construção do conhecimento, um esforço extra é necessário, principalmente para manter os laços socio afetivos.

Já para o segundo, temos:

2) A participação dos orientandos apresenta um cenário com uma tendência mais excludente à medida que avançamos para o interior

Essa conclusão é perceptível pela correlação entre as percepções dos estudantes na análise dos resultados apresentados na Figura 4. Quando se observa o perfil dos discentes de regiões como *Campus* 1, 2 e suas regiões e comparamos com *Campus* 3 e região, é perceptível a incremento percentual de orientandos sem acesso a internet ou quando os mesmo possuem, da mesma forma, percebe-se um acesso maior à internet de baixa qualidade ou inviável para a atividade de orientação, como a de dados móveis. Além disso, compreende-se também que estudantes de regiões interioranas possuem uma estrutura mais deficiente, com um quadro maior fazendo uso apenas de celulares para acesso à internet.

Com relação à terceira, e última, conclusão:

3) O orientador tende a estar mais encorajado e desafiado à medida que avançamos para o interior

É essa a conclusão que se percebe pelas principais diferentes percepções apresentadas na análise dos resultados na Tabela 3. Com 41% dos entrevistados de regiões interioranas, frente a 24% de regiões metropolitanas, os orientadores relatam ser plenamente factível a atividade de orientação. Além disso, também 41% dos entrevistados de regiões interioranas, frente a 29% de regiões metropolitanas, relataram estar mais encorajados aos desafios de orientar durante o período de isolamento social. Essa diferença no perfil dos orientadores pode ser positiva, uma vez que tende a equilibrar as maiores dificuldades apresentadas por orientandos dessas regiões.

Esse trabalho apresenta dados e resultados que levantam a hipótese de que por maior que seja desafiador o cenário da educação durante o período de isolamento social, os docentes entrevistados consideram factíveis as atribuições de orientações, porém com um evidente esforço extra, tanto por parte dos orientadores quanto por parte dos orientados. As dificuldades não se limitam apenas aos discentes, os gestores diretamente relacionados ao tema também são desafiados, uma vez que se destaca um número considerável de orientandos

que não possuem estrutura mínima que os permita receber orientação, demandando ações institucionais emergenciais que os possibilitem conexão.

Apesar desse trabalho ter se concentrado no período atual de isolamento, é possível estender a análise dos dados com a hipótese de que esse período se prolongue por mais tempo. Nessa hipótese, tal como observado por Viana e Veiga (2010), e correlacionado aos dados coletados, os efeitos do distanciamento social ampliam também a distanciamento afetivo do próprio relacionamento, desconectando expectativas e gerando ansiedades. Parte da conclusão que leva a essa hipótese já pode ser observada onde segundo a pesquisa, apenas 15,4% dos orientandos se mostram plenamente motivados.

Sugerimos a sequência desse trabalho, seguindo a metodologia aplicada, em outros Institutos e Universidades a fim de ampliar o grupo amostral.

Referências

Bacich, L. (2020). *Ensino híbrido: esclarecendo o conceito. Inovação na educação*. São Paulo, 13 de setembro de 2020. Recuperado de <https://lilianbacich.com/2020/09/13/ensino-hibrido-esclarecendo-o-conceito/>.

Bianchetti, L., Machado, A. M. N. (Orgs.) (2002). *A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações*. Florianópolis/São Paulo: Editora da UFSC/Cortez.

Carvalho, A. M. P., Gil-Pérez, D. (2011). *Formação de professores de ciências: tendências e inovações*. (10a ed.), São Paulo, Cortez.

Costa, F. J., Sousa, S. C. T. De, Silva, A. B. (2015). Um modelo para o processo de orientação na pós-graduação. *Revista Brasileira de Pós-Graduação*, 11(25).

Demo, P. (2003). *Educar pela pesquisa*. (6a ed.), Campinas: Autores Associados.

Gallon, M. Da S., Silva, C. M. Da, Madruga, Z. E. de F. (2018). O Papel Do Professor Orientador Na Visão De Um Grupo De Estudantes De Ensino Médio. *Olhares: Revista Do Departamento De Educação Da Unifesp*, 6(1), 164-180.

Gandra, T. K., Rocha, J. A. P. (2019). Orientação acadêmica como espaço de integração intelectual, social e afetiva. *Informação em Pauta*, Fortaleza, 4, 83-100.

Gifted, Á. G. (2016). Os Três Pilares Da Docência No Ensino Superior: O Ensino, A Pesquisa e a Extensão. *Revista Ágora*. Unimes Virtual. 1(2).

Johansson, T., et al. (2014). PhD Supervision as an Emotional Process - Critical Situations and Emotional Boundary Work. *Pertanika Journal Social Sciences and Humanities*, 22(2), 605-620.

Leite Filho, G. A., & Martins, G. de A. (2006). Relação orientador-orientando e suas influências na elaboração de teses e dissertações. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, 46, 99-109.

Lindén, J., Ohlin, M., Brodin, E. (2013). Mentorship, supervision and learning experience in PhD education. *Studies in Higher Education*, 38(5), 639-662.

Moraes, R., Galiuzzi, M. C., Ramos, M. G. (2012). *Pesquisa em sala de aula: fundamentos e pressupostos*. In: Moraes, R., Lima, V. M. R. Pesquisa em sala de aula: tendências para os novos tempos. (3a ed.) Porto Alegre: EDIPUCRS. 11-20.

Oliveira, M. V. (2020). *Sentimento de professores em meio à pandemia do coronavírus*. São Paulo, 16 de abril de 2020. Recuperado de <https://porvir.org/pesquisa-mostra-o-sentimento-de-professores-em-meio-a-pandemia-do-coronavirus>.

Pereira, A. S., et al. (2018). Metodologia da pesquisa científica. Santa Maria, RS: UFSM, NTE.

SÁ, R. M. C. de. (2015). Compartilhamento do conhecimento e o processo de orientação de discentes de pós-graduação stricto sensu. 158f. *Dissertação (mestrado) Escola de Ciência da Informação* - Universidade Federal de Minas Gerais.

Viana, C. M. Q. Q., Veiga, I. P. A. (2010). O Diálogo Acadêmico Entre Orientadores e Orientandos. *Dossiê – Formação de professores, curríulo e prática*. Educação, 33(3).

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Felipe Laffiti Assis Soares – 40%

Tiago Simão Ferreira – 40%

Edio da Costa Junior – 20%